

O “11 de Agosto” no Centésimo Quadragésimo Aniversário.

O 140.º aniversário da fundação dos cursos jurídicos no Brasil foi solenemente comemorado pela Faculdade.

No dia 11 de agosto, data da fundação, às 9,00 horas foi celebrada missa por D. Agnelo Rossi, Cardeal Arcebispo de São Paulo. Às 10,00 horas, no Salão Nobre, realizou-se a sessão solene comemorativa da efeméride, presidida pelo professor Alfredo Buzaid, Diretor da Faculdade, com a presença do Reitor em exercício, da Universidade de São Paulo, professor Mário Guimarães Ferri, e de personalidades do mundo jurídico e social.

Declarou o professor Alfredo Buzaid, ao iniciar a sessão, que estavam também sendo homenageados na ocasião os drs. José Maria Withaker, João Sampaio, Aureliano Leite, Joaquim de Miranda Junior e Enéas Ferreira, bacharéis integrantes da anterior geração formada pela Faculdade, e os bacharéis da turma do primeiro centenário, que colou grau em 11 de agosto de 1967.

Em nome da Congregação falou o professor Miguel Reale, que saudou os bacharéis que comemoravam o 40.º aniversário de formatura, tendo também abordado a reforma do curso jurídico, debatida recentemente no I.º Seminário de Reforma do Ensino Jurídico, realizado no Rio de Janeiro.

Discursou em seguida o acadêmico Pedro de Oliveira Ribeiro Neto, presidente da Academia Paulista de Letras, lembrando as diversas fases da Faculdade e declamando trechos conhecidos de seus poetas mais célebres.

Discurso do Acadêmico Pedro de Oliveira Ribeiro Neto.

Quando, na noite de 11 de Agosto de 1927, entre as taipas e os retratos do soberbo Salão Nobre da nossa velha Faculdade de São Francisco, celebrava-se o centenário da instalação dos Cursos Jurídicos no Brasil, e de tudo quanto esta iniciativa representou para o país, na fixação da nossa independência pela cultura e pela certeza dos nossos direitos, e para São Paulo no papel que lhe coube na sementeira de todos os ideais políticos, sociais e intelectuais do Brasil, ali estava eu, aluno do terceiro ano da Faculdade, a escutar, mais com a alma e com o coração do que com a inteligência, os grandes oradores que se fizeram ouvir, entre os quais sobressaía a voz quente e matizada de Mestre Reinaldo Porchat; e arrazado pela emoção sentia eu, por êles, o pêso da responsabilidade que se lhes havia entregue, de aqui representarem as gerações passadas de cem anos de bacharéis criados no velho “ninho de águias”.

E aqui estou hoje, meus senhores, nesta mesma tribuna, com muito maior responsabilidade dada a fraqueza da minha voz e o curto alcance do meu vôo, a representar cento e quarenta anos de gerações acadêmicas, o que quer dizer, no caso da Faculdade de Direito de São Paulo, a representar a voz dos maiores juristas, dos maiores políticos, dos maiores literatos, jornalistas e oradores do Brasil, que entre as arcadas célebres aprenderam a dar seus primeiros passos. Responsabilidade tremenda essa, não fôra o prodígio parapsicológico dêste instante, que faz falarem pela minha bôca, de mistura com os nossos pausados cantares paulistanos, a voz silabada dos pampas, o tom cantado do nordeste, a prudente e tímida pronúncia mineira, a voz do sul, a voz do norte, a voz do centro do Brasil, que em São Paulo vieram tomar corpo para falar em nome de todos os direitos. Representando tôda essa tradição, são os vultos de Alvares de Azevedo, de Paulo Eiró, de Varela, de Castro Alves, de Rui, de Nabuco, de Rio Branco,

de José Bonifácio o Moço, de Lafaiete e de Crispiniano, são os vultos de cinco gerações de bacharéis de meu sangue formados nesta Escola — advogados, magistrados, Conselheiros do Império e Mestres de Direito de todos os numes tutelares que velam como estrêlas sôbre êstes muros, de todos os estudantes anônimos que aqui sonharam e viveram (e morreram), são essas vozes que neste instante se fundem, contidas sob a surdina do meu fôlego, para cantar com as almas dos bacharéis vivos e mortos, nesta data festiva, com o mesmo amor e o mesmo entusiasmo da mocidade eterna, o Hino de Glória da Faculdade de Direito de São Paulo. Escutai! Entre estas paredes, filtrada pela sensibilidade de um poeta menor, a oração vibra em uníssono:

Minha velha escola, como estás mudada!
Velha Faculdade outrora levantada
pelas mãos dos padres, pelas mãos dos índios,
na manhã dourada de Piratininga.
Quantas horas longas, quantas horas lentas
sôbre ti passaram, mansas, sonolentas,
pelos claustros onde claros franciscanos
iam desfiando contas e orações.
Velho casarão! Quantos corações,
entre as taipas tôscas e os beirais tranqüilos,
viste que murcharam como murcham lírios,
viste que morreram nos buréis sombrios,
entre revoadas de pombinhas brancas,
pelos claustros brancos, pelos claustros frios.

Depois, numa tarde linda de noivado,
sinos que batiam, sinos pelos ares.
E a alegria chegou para viver contigo,
como se em alforge rôto de mendigo
uma cornucópia de ouro se entornasse.
A alegria infrene dos teus estudantes

transbordou nas ruas da aldeiola morta.
Correu tua fama, foi, de porta em porta
do Brasil, chamando os moços que sonhavam
sonhos de amor, de glória e liberdade.
Dos arcos curvados das tuas Arcadas,
o amor mandava flechas encantadas
com filtros de fogo e cantos de poesia,
enchendo de volúpia, em transe de paixão,
o coração das lânguidas donzelas,
junto às rótulas das tímidas janelas
bordando sedas ou tecendo rendas,
ou indo rezar, tementes do demônio,
nas novenas do Carmo e Santo Antônio.

Junto à capa negra, plange um violão.
Passa o romantismo da terra paulista
sob a garôa fria ou ao luar de prata:
o estudante, e sua noiva, a serenata.
Alguém, que já não vive neste mundo,
é Byron, os acompanha passo a passo.
É êle que sussurra na alma de Azevedo
e atróz compreensão a torturar de medo,
a dúvida que mata a lúcida manhã:
“Se eu morresse amanhã, viria ao menos
fechar meus olhos minha triste irmã” .
Êle é que distila na alma de Varela
a lágrima sentida ao ver o filho morto
e guia a mão, ao trêmulo poeta:
“Tu, que eras na vida a pomba predileta” .
Fantasma que os seguiste em passos de mistério,
que morte que lhes deste e que imortalidade!

Quando a escravidão, nos corpos côr da noite,
punha estrêlas de sangue na vergonha do açoite,
foi a tua caridade, São Francisco!
que aos moços do Mosteiro ensinou êste grito:
“Deus, oh Deus, onde estás que não respondes?

Em que mundo, em que estrêla Tu te escondes
embuçado nos Céus?”

E a voz de Castro Alves, rolando no infinito,
conseguiu arrancar dos troncos de granito
a raça carinhosa que embalou meu bêrço.

E esta voz ainda vibra a rolar pelo espaço:

“Senhor Deus dos desgraçados,
dizei-me Vós, Senhor Deus,
se é loucura, se é verdade
tanto horror perante os Céus?”

Minha Faculdade, altivo ninho de águias,
fonte esclarecida de ideal clarão,
já vinte anos antes mesmo da República
mandaste teus filhos conduzindo o archote,
lúcidos pregoeiros da renovação.

E quando o Brasil, trêmulo e humilhado,
sem lei e sem rumo, ia escravizado
engulindo as lágrimas dum longa noite
sem o breviário da Constituição,
foi tua coragem, minha velha Escola,
que fêz das Arcadas muros de defeza,
que tornou as taipas em fortins de guerra,
e pôs no teu páteo o fanal da luta
do ânimo paulista que mostrava a senda
duma liberdade sem ser usurpada:
E teus dois patronos foram teu exemplo,
pois foi São Francisco que te deu a fibra,
e depois São Paulo que te deu a espada!

Hoje que estás rica, de pedra vestida,
tôda rendilhada qual noiva garrida
do São Paulo nôvo dos arranha-céus;
hoje que não vives sob os longos véus
de névoa e de garôa do São Paulo antigo
de ruas estreitas e falar pausado,
eu confio e esperô em tua mocidade,

que é a mesma sempre, minha Faculdade,
pois Rui e Nabuco e Rio Branco e mil outros
que deram à Pátria seu nome grandioso
enchendo de luzes páginas da História,
vão mostrando aos moços, por felicidade,
que o teu nome sempre, Minha Faculdade,
é a melhor das rimas para Liberdade,
e a melhor das chamadas para o altar da Glória!

OLIVEIRA RIBEIRO NETO